

Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário

Resonance and dissonance: Jewish diaspora and exile as literary objects

Helena Lewin*

Resumo: Este artigo centra-se na gênese do povo judeu que, caminhando por sucessivas situações históricas primordiais, estabelece-se enquanto nação/estado. Sua destruição e exílios, serão analisados aqui privilegiando o babilônico. Omitiu-se, no entanto, o relato bíblico referente à criação do mundo, o Shabat, o dilúvio e seus desdobramentos e a chamada Torre de Babel e sua multiplicidade de línguas, para se entrar diretamente no ato da divina promessa a Abraão. Assim sendo, inicia-se este texto a partir da afirmação de que a história judaica, conforme registrada na Bíblia, tem seu começo marcado por um irreversível ato de ruptura determinante para a construção do seu perfil identitário.

Palavras-chave: História judaica. Bíblia. Identidade.

Abstract: This article is focused in the genesis of Jewish people that, passing through primary successive historical situations, establish themselves as nation/state. Their destruction and exiles will be analyzed in this article, focusing the Babylonian. The biblical report related to the creation of the world, the Shabat, the deluge and its unfoldings and the named Tower of Babel and its multiplicity of languages, however, have been omitted, to directly deal with the symbol of the divine promise to Abraham. So, this text begins from the statement that the Jewish history, as registered in the Bible, has its beginning marked by an irreversible collapse act that was determinant to the construction of its identity profile.

Keywords: Jewish History. Bible. Identity.

Ao centrar-se na gênese do povo judeu, caminhando por sucessivas situações históricas primordiais no estabelecimento da sua nação/estado até sua destruição e exílios, privilegia-se, aqui, o babilônico. Omitiu-se, propositadamente, o relato bíblico referente à criação do mundo, o Shabat, o dilúvio e seus desdobramentos e a chamada Torre de Babel e sua multiplicidade de línguas, para entrar diretamente no ato da promessa a Abraão. Assim sendo, este artigo se inicia a partir da afirmação de que a história judaica, conforme registrada na Bíblia, tem seu começo marcado por um irreversível ato de ruptura determinante para a construção do seu perfil identitário:

A saída de Abrão de Ur, seu lugar de origem na Mesopotâmia, tem sido apontada como decorrência de fatores climáticos que freqüentemente assolavam aquela região e funcionando como fator de expulsão de cujo episódio físico-natural derivaram inúmeros movimentos migratórios da área. É bem possível que essa situação possa ter interferido na decisão de Abrão de deslocar-se espacialmente. Contudo, o texto bíblico demonstra que Abrão não se encontrava em situação de penúria e, portanto, outros condicionantes poderiam estar fortemente influenciando sua decisão. A recusa às práticas pagãs de seu entorno imediato associado ao *calling* divino de criar uma nova religião funcionaram como fatores mobilizadores para o cumprimento da missão para o qual estava sendo convocado.

O rompimento de Abrão com seu passado reveste-se de uma peculiaridade: não só abandonou sua anterior moradia/terra como, em caráter voluntário, processou seu desligamento definitivo à outrora crença de seus antecedentes. Tornando Abraão, o patriarca fundador, desprende-se de seu passado para seguir um chamamento que estabelece e define uma nova relação homem/divindade, tendo como princípio normativo a existência de um deus único em contrapartida ao culto politeísta de sua casa paterna. Esse episódio contém duas vertentes: a primeira, e a mais significativa para os destinos da

humanidade, centra-se sobre o princípio do monoteísmo e o novo modo de entendimento da figura divina e seu poder transcendente; a segunda fixa-se sobre a Aliança estabelecida na qual a obediência e a fidelidade passam a ser ingredientes fundamentais na relação com YHVH, o nome impronunciável de Deus.

Esse episódio de ruptura também traz consigo um outro aporte de significância: a errância inaugural que caracteriza a andança de Abraão em busca da terra que lhe foi prometida, Canaã. Ao longo da história judaica, essa procura se reproduzirá em inúmeros momentos tendo como seu ponto de culminância o êxodo do Egito que dura 40 anos de travessia no deserto novamente à procura de Canaã, a segunda errância.

Embora o deserto se caracterize por ser um espaço vazio de atividade humana, o Sinai dos 40 anos de travessia judaica foi pleno de significados. Sobre o deserto como uma folha em branco escreveu-se uma epopéia que se transformou na saga de liberdade do jugo faraônico, cantada em verso e prosa, berço de uma nova era na história judaica, cuja celebração desse episódio é festejado a cada ano nas casas judaicas de todo mundo. A travessia do deserto caracterizou-se, portanto, por se tornar o mito fundador ou a saga de um povo em suas origens históricas de ordem concreta, apesar de forte associação teológica.

A importância desse evento encontra-se traduzido no segundo livro de Moisés, intitulado de Êxodo, contendo 40 versículos por meio dos quais se toma conhecimento sobre os antecedentes à saída do Egito - a negociação de Moisés e Araão, seu irmão, com o Faraó no sentido de libertar os hebreus e na impossibilidade de atendimento de seu pedido, Moisés, por inspiração divina, lança as dez pragas resultando na concordância faraônica da saída dos hebreus além do chamado milagre da abertura do Mar Vermelho - e aqueles outros que ocorreram a partir do êxodo propriamente dito.

As dez pragas e sua intensidade crescente transformaram-se em moeda de negociação que é utilizada até a sua máxima radicalidade quando a ameaça iria atingir os primogênitos não-hebreus. Mas, nos escritos bíblicos, as pragas não são consideradas milagres, embora sejam determinação divina e enviadas por força da previsão profética de Moisés. A categoria milagre vai inaugurar o processo de libertação quando o Mar Vermelho se abre e dá passagem aos hebreus e seus seguidores. Quando a sede e a fome se instalaram no deserto foram, a dádiva do maná e da fonte de água pura, os milagres que têm como protagonistas as mulheres lideradas por Miriam. Na divisão de tarefas estabelecidas durante o percurso no deserto, coube aos homens funções de ordem religiosa e ritual, enquanto às mulheres coube prover as necessidades cotidianas - a comida, a dança e o canto/música - a alegria dentro de uma profunda situação de carência que o deserto representa.

A imagem do deserto consubstanciou-se, para Israel, em um lugar de profunda metamorfose: a de ser um espaço no qual foi gerada a nova condição judaica de ser livre após 430 anos (Ex 12-40) de permanência no Egito, parte em condição escrava. Assim, sustentada na narrativa bíblica e no desejo de liberdade reiterado anualmente, na Agadá de Pessach, ser livre tornou-se um valor básico do judaísmo que se incorporou na formação da sua identidade milenar. Contudo, ser plenamente livre estava associado à Canaã, a seu retorno, ao seu encontro profético.

A ruptura com a escravidão foi o primeiro elemento constitutivo para a geração de uma comunidade de homens livres e, portanto, para sua posterior elevação à condição de povo que vai ocorrer ainda no coração do deserto mantendo, por certo tempo, sua estrutura e organização tribais. A inauguração do seu estatuto de povo se fará através da outorga dos mandamentos divinos recebidos por Moisés no monte Sinai, configurando-se como sua primeira constituição embora permanecendo o desejo de territorialidade a conquistar em Canaã. Mais do que isso, a permanente orientação ético-moral do comportamento judaico associado ao monoteísmo caracterizará a sua marca distintiva em relação aos povos com os quais manteve breves ou prolongados, pacíficos ou conflituosos contatos.

Perseguir Canaã faz parte intrínseca do povo judeu durante sua longa trajetória histórica. Por que essa determinação percorre séculos e milênios? Essa busca por Canaã, a terra prometida por Deus a Abraão, tornou-se o sustentáculo gerador de energia necessária para continuar sobrevivendo frente a sua dramática historiografia – como judeus no exílio e como judeus da diáspora.

Empenhar-se por Canaã e, posteriormente, por Jerusalém - espaço sagrado onde o Templo foi duas vezes erigido e duas vezes destruído - configurou-se como um projeto que se lança sobre o futuro como uma emulação religiosa cuja profecia teria que se realizar. No entanto, não há data estipulada para a concretização dessa busca de Sion e, mesmo que tarde, o horizonte de sua concretização permanece intocado. Esse encontro não se define, apenas, em reunir os dispersos, trata-se de um plano complexo, porque inserido na dimensão religiosa perpassada pelo ideal messiânico.

De um modo geral, pode-se afirmar que cada errância, dispersão ou travessia de um povo, no tempo e no espaço, significa interrupções na sua continuidade étnica como decorrência do inevitável processo de cruzamento e de trocas inter-culturais, entre os que chegam e os que estão estabelecidos. O resultado dessa aritmética social é uma situação de adaptação na qual a submissão dos que chegam refaz certas premissas de conduta e de entendimento do novo mundo que os rodeia. Como conseqüência, ocorre a perda de seus traços identitários ou se assimilando parcial ou totalmente à cultura dominante, ou, até mesmo, desaparecendo como entidade própria. Uma via alternativa para permanecer relativamente integrado em sua cultura é optar ou ser obrigado a se manter “em separado”, discriminado ou “guetonzado” – fechado em si mesmo – resultando em uma barreira à assimilação cultural e religiosa – criando muros invisíveis de proteção.

A longeva trajetória judaica e seu pluri-pertencimento geográfico crivado de permanentes deslocamentos transforma sua permanência histórica em uma exceção que exige uma interpretação singular, contrariando os processos sociais vigentes referidos comparativamente a outras culturas. Assim se explicaria sua sobrevivência dada a peculiaridade de sua múltipla inserção em culturas e países acompanhada, em grande maioria dos casos, de situações de perseguições físicas ou simbólicas, expulsões e discriminações, segregação em guetos e restrições ao exercício de sua cultura e religião, criações literárias depreciativas e, sobretudo, a atribuição da culpa de deicídio nos países cristãos.

Sem territorialidade e reconhecimento social e sempre considerados estrangeiros, o que move os judeus a resistirem e a não abandonarem sua identidade apesar da adversidade? Essa persistência, quase teimosa, está intimamente associada à evocação de seu destino messiânico, o que lhe injeta confiança para resistir e poder ser testemunho e, ao mesmo tempo, protagonista da nova era que se promete como dádiva. Para que sejam sujeitos desta futura bênção, os judeus elaboraram a obrigação do estudo da Torá e a obediência a seus mandamentos como fortalecimento individual e mecanismo de defesa coletiva.

O comportamento de espera pelo Messias, de forte apelo emocional e de reforço da fé, constituiu-se em uma atitude integrada de conformidade e fatalismo. Essa atitude conduziu à paralisia de ação impedindo o rebelar-se contra o *status quo* e não apreciar os valores culturais e os benefícios sociais do seu entorno não-judeu.

A crença na era messiânica era tão dominante na cultura tradicional judaica que, em momentos de graves desastres, acontecia o surgimento de falsos messias que arrebatavam grandes massas de seguidores e a posterior lamentação frente ao desapontamento dessa impostura ou ao equívoco de identificação derivado do ardente desejo de ver concretizado seu futuro redentor.

Apesar de a vinda do Messias estar incrustada na mente e no coração das populações judaicas decorrente da socialização inter-geracional, discussões e controvérsias fizeram e fazem parte do

acervo sobre o significado filosófico do messianismo e suas influências sobre os judeus mas principalmente sobre a intelectualidade judaica, principalmente em Spinoza, Scholem, entre outros.

No Iluminismo com sua ênfase radical em torno da Razão como princípio de vida, a centralidade divina perde seu poder explicativo incontestável, favorecendo a racionalidade e, por decorrência, afetando profundamente as explicações tradicionais, abandonando-as, re-interpretando-as, ou inovando-as colocando o homem como autor e ator de sua história e, não mais, dependente da vontade divina. Ou seja, o fenômeno da laicização converte-se em antídoto do tradicionalismo.

Para as massas judias que se encontravam afastadas desses centros de difusão intelectual, o pensamento tradicional continuava a ser o norte de sua conduta. Mas aqueles que lutavam por sua cidadania começaram a substituir a incerta e longínqua salvação messiânica por categorias concretas de inserção social e de direitos políticos nos países em que se encontravam vivendo. A sua anterior fé religiosa foi sendo processada e re-adaptada às demandas dos tempos modernos no qual a igualdade e a luta contra a segregação passaram a ter um significado da nova identidade judaica.

A modernidade trouxe, como consequência, a mudança do anterior caráter absolutista da tradição na explicação religiosa na medida que as converte em categorias relativizadas ao eliminar sua universalidade interpretativa, principalmente, referida aos judeus laicos que elaboraram e re-elaboraram seus significados à luz de novos aportes teóricos, filosóficos e políticos.

Três conceitos fundamentais acompanham e classificam os eventos históricos judaicos, principalmente referidos à questão messiânica: *Galut* ou Exílio, que significa a expulsão de um povo de sua pátria em função de invasões militares ou de conflito que convertem os nativos em prisioneiros ou escravos gerando seu banimento e desterro; *Golá* ou Diáspora, que expressa a dispersão de povos por motivos políticos, econômicos ou religiosos impossibilitando sua sobrevivência ou devido a perseguições de grupos e de mandatários dominadores ou intolerantes; *Gueulá* ou Redenção, que corresponde à noção de redenção messiânica.

Na leitura bíblica, os judeus permanecem em *galut* (exílio) enquanto não se realizar o evento messiânico mesmo vivendo em Israel. Para aqueles que habitam fora de Israel, na *golá*, em dispersão ou diáspora, os dois conceitos se associam em drama até o momento da *gueulá* - a redenção, o sonho da completude entre o divino e o humano, desaparecendo as anteriores situações de sofrimento e de sentimento de irrealização de um ideal perseguido sem cessar.

Em verbetes de enciclopédias e em textos de muitos autores, observa-se o uso sinônimo das palavras exílio e diáspora. Porém, para os judeus e sua ortodoxia bíblica, há diferenças substanciais que classificam as diferentes posições dos judeus no mundo à espera da era messiânica que vem antecedida de sinais cuja identificação caberá ao homem saber traduzir corretamente a fim de não processar julgamento errôneo como no caso dos falsos messias.

Uma outra característica configura as questões do exílio e da diáspora: trata-se da pré-condição da existência de um centro físico-espiritual – Jerusalém e o Templo, este a ser restaurado - cuja ideológica funciona como orientação identitária religiosa e de fonte de coesão cultural para todos os judeus do mundo. Por outro lado, o sentimento de exílio nem sempre acompanha a condição de exílio. Somente a perda do centro étnico-religioso e político acompanhado do sentimento de desenraizamento irá introduzir a transformação da diáspora em exílio.

A condição de exílio expressa-se pela sua impossibilidade de retorno pessoal e coletiva enquanto no caso da diáspora esta se apresenta como alternativa, embora nem sempre ampla, permanecendo como uma busca individual. Modernamente, o Estado de Israel ao estabelecer como política de Estado a lei de retorno considera como um direito inalienável o regresso de todo judeu à sua pátria histórica.

Estaria o Estado de Israel cumprindo o mandamento de realização judaica ao eliminar a *golá* para os devotos e a *galut* para os leigos? Esse questionamento dá-se na medida em que o sionismo como um movimento sócio-político transformou em leitura laica a redenção de Jerusalém como uma terra bíblicamente prometida.

A idéia de *galut* desperta nos judeus dois tipos de comportamentos: de sofrimento e de tristeza contra o destino divinamente imputado e, de outro lado, fortalece a fé e a esperança de mudança para uma nova era. A expressão “exílio” é capturada pelos cristãos retraduzindo-a como castigo pelo crime de deicídio e ao ganhar ressonância ocorre o desencadeamento de ações violentas de escárnio, de molestações físicas, de tomada de seus bens materiais, de expulsões, rancores, assassinatos, de lendas e mitos que reforçam a imagem do judeu errante, como uma marca de sua maldade e uma pena a ser cumprida pela eternidade afora. Andar, andar sem parar, sem repouso, andar como maldição. A errância como castigo! Essa lenda vai aparecer na Europa cristã em uma simultaneidade de lugares e épocas, transmitida através da literatura, socializada de geração em geração, mantendo seu acervo permanentemente atualizado através de testemunhos que declaram sua triste presença física.

A saída de Abrão de Ur e a fuga de Moisés do Egito não se caracterizaram como exílio visto não ter ocorrido devido à expulsão de suas terras. Nos dois casos, havia um endereço certo e uma rota pré-estipulada. No primeiro caso, encontrar Canaã para aí se estabelecer e, no segundo, para aí se re-estabelecer. Depois de 430 anos no Egito, os hebreus não esqueceram Canaã. A proteção de José, filho de Jacó, possibilitou o crescimento da comunidade e sua estável situação econômica. Contudo, os judeus foram posteriormente escravizados e este fator despertou a consciência da necessidade de recuperar sua pátria perdida, a Canaã. Da mesma forma, o Holocausto perpetrado pelos nazistas no século XX, chamou a razão do mundo judaico para a necessidade de reaver sua ancestral pátria histórica.

Este artigo não pretende descrever ou analisar o processo que configurou a entrada dos hebreus em Canaã, liderada por Josué, sua organização social, a construção da monarquia como fator de unidade político-religiosa em relação à estrutura tribal anterior. Relevante para o entendimento da história judaica foi a criação de Jerusalém como centro emanador dessa centralidade cuja base repousava no poder teocrático; o prestígio e importância dos sacerdotes que irão manter sua força monopólica após a construção do Templo no reinado de Salomão, o grande legislador e poeta; a disputa da sua herança política findando por dividi-la em dois reinos (Israel e Judá) que se enfraqueceram e tornaram-se presas fáceis frente aos impérios que começavam a dominar a região - os assírios e os babilônios.

O papel dos profetas foi fundamental ao criar uma literatura específica de denúncia contra o abandono dos preceitos religiosos e as injustiças sociais prevendo castigos que seriam perdoados a partir da volta aos mandamentos divinos.

Na rota de expansão do império babilônico sobre todo Oriente Próximo, ocorreu a destruição do reino de Judá, sua capital Jerusalém e seu Templo, em 586 AEC, após o reino de Israel já ter sido conquistado anteriormente pelos assírios. A deportação em massa de sua população foi banida para Babilônia onde se estabeleceram em grupos ou comunidades, reiterando, apesar de se encontrarem na mais brilhante civilização da época, o seu desejo e esperança de restauração de sua pátria que naquele momento se transformou em exemplo de sobrevivência da memória. A música e a poesia registram essa intensa saudade como uma promessa de eterna lembrança e de retorno:

Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembramo-nos de Sion.

Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos nossas harpas.

Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se minha destra de sua destreza.

Apegue-se-me a língua ao paladar se me não lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior alegria. (Sl 137: 1;5)

A Babilônia, composta de muitos povos cativos com seus deuses e magníficos templos, exercia uma grande atração no sentido da assimilação dos judeus. Porém, estes ao jurar seu amor por Jerusalém renovaram o princípio da fidelidade monoteísta e passaram a escutar seus sábios e seus profetas defendendo sua identidade.

O tradicionalismo das sociedades da Antigüidade em que os cultos politeístas tinham um papel preponderante na explicação do mundo e no destino do homem, apresentava grande dificuldade de entendimento em relação ao judaísmo tendo em vista a crença em um deus único que não reconhecia a pluralidade dos deuses, que não se figurava porque abstrato e que não atendia às magias e rituais pagãos. Caberá ao profeta Jeremias exortar os judeus a tomar o exílio como provisório. Ezequiel, por outro lado, começa seus oráculos apontando as transgressões do povo de Israel que, para ele, determinaram seu exílio babilônico mas indicando, simultaneamente, a esperança da restauração de Jerusalém pois sua profecia ditava um determinado período para a consecução do sonho de retorno – 70 anos.

A noção de provisoriedade permitiu reiterar o desejo de re unificação dos judeus e da reconstrução de Jerusalém. Paralelamente, o profeta Jeremias ensina que, apesar de momentaneamente separados do culto e do sacrifício em seu Templo, a fé não perde seu caráter nacional tornando-se intensamente espiritual associado ao ideal da redenção.

Historicamente, em todas as culturas antigas a destruição do santuário implicava em seu desaparecimento como entidade política autônoma. No caso dos judeus, eles conseguiram substituir aquele edifício de pedra em um templo invisível inscrito em seus corações, substituindo seu papel centralizador pelo estudo da Torá que funcionou como elemento de agregação ao impedir seu desaparecimento. (Haddad, 1992).

O estudo, a interpretação, a codificação, os sábios e mestres, e a metodologia de estudo coletivo e interativo criavam solidariedades e compromissos de lealdade à fé e à relevância da lei como norma referencial de conduta. A perda da territorialidade elevou o Talmude à condição de pátria eminentemente espiritual - fato inédito, ainda mais considerando a errância histórica judaica. Haddad afirma que os judeus transportavam consigo essa pátria espiritual “na sola de seus sapatos”, ou nos corações, nas mentes e nos músculos fortalecidos para enfrentar o exílio e suas inúmeras diásporas.

O Templo era o centro de toda atividade religiosa mas incluía as vertentes de ordem cultural, política e social que se encontravam articuladas entre si, embora o religioso ocupasse posição de prevalência. Sua destruição, portanto, correspondia a uma verdadeira tragédia oriunda da ruptura em sua função de orientação normativa da população. Porém, a relevância dessa pátria espiritual é tão profunda que os judeus celebram seus rituais e preces voltados fisicamente para Jerusalém; cumprimentam-se a cada ano novo judaico com a promessa da redenção, “no próximo ano em Jerusalém!”.

Algumas interpretações sobre o efeito da destruição do Templo sobre a população judaica são de perplexidade e de mistério quanto a sua sobrevivência, ao considerar a conjugação desfavorável dos múltiplos fatores que intervieram sobre sua trajetória milenar. A dificuldade de entendimento aumenta quando se processa estudos comparativos com outros povos da Antigüidade que desapareceram sem deixar registros ou pistas tendo em vista o povo judeu /hebreu ter compartilhado do mesmo destino comum em relação à destruição de seu santuário.

Uma possível interpretação dessa aderência permanente da fé no judaísmo ortodoxo, deve-se ao fato de se ter processado uma metamorfose radical no sentido de introduzir a questão nacional como parte

intrínseca da própria religião. Em outras palavras, a “congregação do Senhor”, converteu-se em elemento básico da pátria espiritual.

Simultaneamente, a Bíblia apela para a integridade do judeu ao afirmar que todo o judeu carrega consigo a *Shekiná*, a presença divina, onde quer que esteja. Com isso, em sua situação de exílio ou diáspora, o judeu não se encontrava abandonado por Deus, e como resultado produziu um sentimento de pertencimento conformista. Por outro lado, manda a Bíblia (Ex 25:8) que o crente deve construir para si e carrega-lo consigo, um templo interior, pequeno, *mikdash meat*, onde predomina obediência às leis e mandamentos, portanto, na *galut* ou na *golá* - no exílio ou na diáspora - o judeu carrega dentro de si a religião e a pátria/nação. Esses fatores de ordem simbólica fortaleceram sua esperança de sobrevivência judaica elevando sua força de enfrentamento às condições sócio-políticas hostis.

Autores diversos (Heschel, Scholem, Hertzberg, Ebban, entre outros) sustentam a tese de que a dispersão ocorrida a partir do primeiro exílio, o babilônico, foi responsável pela longevidade do povo judeu, salvando-os da eliminação física e do silenciamento de sua cultura.

Para Freud, a sobrevivência do judaísmo assume um caráter paradoxal, ou seja, fora dos padrões da normalidade histórica. Em carta enviada a sua noiva na qual recorda o *Churban* – a destruição do Templo, escreve: “Os historiadores dizem que se Jerusalém não houvesse sido destruída, nós, os judeus, teríamos desaparecido como tantos outros povos antes e depois de nós. Foi somente depois da destruição do Templo que o edifício invisível do judaísmo pôde ser construído.”

Se o judaísmo conheceu um destino diferente de outras civilizações que desapareceram quando seus santuários foram destruídos foi porque, segundo Freud, um edifício invisível substituiu aquele de pedra transformando o seu substrato latente em um templo espiritual que passou a preencher as funções do anterior templo manifesto, transferindo para a esfera pessoal a responsabilidade de cada um de criar seu templo interior.

Abraão introduziu na fé judaica, desde os primórdios, as bases da fé messiânica, da busca da terra prometida e da redenção final mas, por outro lado, a aliança de Deus com Israel no Sinai centrada no conceito de Torá, estabeleceu as bases da formação e sobrevivência de um povo cujo núcleo aglutinador e cuja identidade nacional estavam mais centrados em uma fé comum, expressa nos termos da Torá do que no fato de habitarem um espaço físico comum. A centralidade da Torá e a esperança messiânica converteram-se simbioticamente nos marcadores da identidade judaica.

A nossa ver, não foi a dispersão em si como um fato físico-geográfico que salvou os judeus, mas as condições da sociedade mesopotâmica que não os transformou em escravos e lhes possibilitou a inserção em atividades econômicas, servir ao exército, pagar impostos e possibilitar o exercício de sua religião e a prática da transmissão do conhecimento através das academias rabínicas. Por outro lado, um papel extraordinário deve ser creditado aos profetas, aos sábios e às lideranças comunitárias e religiosas, os exilarcas, que representaram um modelo reconhecido e legitimado de conduta servindo de exemplo a ser seguido. É a conjugação destes elementos que possibilitaram a continuidade judaica – a manutenção da idéia salvadora.

O papel dos profetas e dos oráculos foi importante na construção do que se intitula de literatura bíblica. Como poetas proferiram suas falas em forma de lamentações, diálogos dramáticos, julgamentos e canções, cuja tradição poética dos salmos muito influenciou sua forma de expressão. Vocalizavam suas mensagens para a coletividade e eram, sobretudo, pregadores que denunciavam os desvios e os castigos futuros.

Os textos proféticos abarcavam uma pluralidade de temas que demonstravam sua preocupação pela manutenção do monoteísmo, criticavam as transgressões dos governantes e dos poderosos, censuravam a injustiça social, o jogo do poder político e seus interesses dinásticos além e, principalmente, abominavam o paganismo e a apostasia. O extraordinário na profecia israelita não era o comportamento frenético ou de êxtase e de exibição de poderes sobre-humanos, comum entre os videntes.

Segundo R. Seltzer, os profetas se distinguiam pela coerência, clareza e inteligibilidade dos oráculos e, à medida que se desenvolvia o movimento profético, o aspecto racional da profecia tornou-se cada vez mais evidente e a mensagem tornou-se o foco central e não apenas um meio. O dom profético era reconhecido visto que sua legitimidade estava vinculada à palavra de YHVH sendo, portanto, seu mensageiro. Deus revela seu segredo através do profeta (Am 3: 3-7).

Seu reconhecimento incontestado se dá a partir da profecia sobre a invasão dos reinos de Israel e de Judá pelos assírios e babilônios, respectivamente, anunciando suas destruição e exílio (Jr 21:1-14; Ez 14: 1-11).

Esse mesmo autor afirma que a “Bíblia é um ramo integral da literatura antiga do Oriente Próximo como um todo”, acrescentando que a narrativa bíblica é “uma tela tecida com muitos fios de variada idade e diferentes texturas.” As diferenças em relação a outras culturas circundantes são cruciais porque os empréstimos foram sendo transformados pelo monoteísmo israelita. Como é possível observar, os heróis bíblicos não são cultuados como semi-deuses, não há a inclusão de ritos para aplacar demônios, assim como é proibida a prática da magia.

A tensão entre identidade e assimilação sempre fez parte das preocupações das lideranças judaicas sob o domínio babilônico. Apesar de exercer um governo tolerante em relação aos judeus e apesar dos profetas e sábios produzirem discursos de chamamento à adesão à fé e aos princípios normativos morais, a tensão era permanente no cotidiano dessas populações.

O efeito de demonstração de várias filosofias religiosas que se expandiam por todo o império babilônico produziram resultados deletérios em relação à integridade dos conceitos divinos judaicos. Contudo, o ideal do retorno à Jerusalém não morreu. Será sob o domínio persa de Ciro em 559 aec, imperador de todo Oriente Próximo, que o sonho da redenção tornou-se realidade ao permitir aos judeus, seus súditos, voltar à Judá, reconstruir Jerusalém, levantar seu santuário, dando-lhes a liberdade de se deslocar territorialmente atendendo ao desejo expresso dos profetas e seus oráculos.

Ao assumir a anexação de Jerusalém a seu trono, Ciro emitiu seu decreto de retorno:

O Senhor, Deus do Céu, que me deu todos os reinos do mundo, encarregou-me de construir-lhe uma casa em Jerusalém, que fica em Judá. Quem dentre seu povo assim o desejar, que vá para Jerusalém e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel. E que todo aquele que permanecer onde agora se encontra ajude com prata e ouro, e com fazendas, e com gado, além das dádivas voluntárias para a casa do Senhor em Jerusalém (Es 1:2-4).

Nem todos os judeus regressaram à pátria louvada, somente uma minoria de homens decididos a aproveitar o milagre que havia sido predito pelos profetas. Voltaram com a incumbência de iniciar a reconstrução de Jerusalém, completamente devastada cujo Templo havia sido queimado por Nabucodonosor, 50 anos antes. Não foi uma tarefa fácil. Apesar de receber apoio material consistente de seus irmãos que permaneceram no império persa e de outros que fugiram para países vizinhos, a

situação era de grande frustração tendo em vista que a reconstrução do Templo foi obstruída pelos não-judeus estabelecidos no país após a expulsão determinada pelo rei babilônico.

Quando Babilônia conheceu as notícias desesperadas de Judá, os profetas Neemias, em 444 AEC, e Esdras (Esra), em 397 AEC, puseram-se à frente de um movimento de salvação de Jerusalém onde reorganizaram a vida nacional em termos material e espirituais, promoveram a reconstrução do Templo que não possuía a mesma grandeza e beleza arquitetônica do Primeiro Templo de Salomão. Porém, seu significado de re-união dos exilados, de consagração da lei monoteísta e de restabelecimento do centro religioso para todos os judeus do mundo permitiu que a comunidade que aí se assentou pudesse reviver o seu antigo passado nacional.

Era uma liberdade tutelada pois pertencia ao domínio territorial e político da Pérsia. Nesse contexto, ocorre um outro processo de ruptura: os judeus que permaneceram fora de Israel não podiam mais ser considerados exilados visto que sua nação se encontrava livre para o seu encontro e regresso. Assim processou-se a metamorfose do exilado em diaspórico!

A renovação do espaço sagrado em Jerusalém, a construção do Segundo Templo como centralidade, não só para os judeus que aí viviam, como para todo judaísmo diaspórico espalhado pelo Oriente e no Mediterrâneo, foi novamente perturbado, de forma radical, quando no ano 70 da Era Cristã no dia 9º do mês Av, - na mesma data da catástrofe anterior - Jerusalém foi definitivamente tomada e seu Templo incendiado após ferrenha luta dos judeus contra a dominação romana, tendo Tito determinado seu desterro enviando-os como escravos para Roma, de onde pouco registro se tem. Dessa forma, Roma restabeleceu a condição anterior de exílio para os judeus.

Após quase 2000 anos, a criação do moderno Estado de Israel irá possibilitar a supressão da categoria exílio, *Galut*, conforme anteriormente mencionado, mantendo-se, apenas, o conceito de diáspora. Este, no entanto, não oferece consenso entre os religiosos ortodoxos que vinculam, tanto exílio como diáspora, à redenção messiânica. Por outro lado, o conceito de diáspora apresenta-se, na atualidade, portando um abrangente significado político para marcar grupos étnicos identificados a uma mesma condição de pertencimento identitariamente associada a uma origem histórico- cultural comum.

* **Helena Lewin** é Professora Colaboradora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Membro da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Mulher e da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro.

Referências

- ALBRIGHT, W. Foxwell. *Yahweh and the Gods of Canaan: a historical analysis of two contrasting faiths*. New York: Doubleday&Co., 1968.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENAMOZEGH, Elie. *Israël et l'humanité*. Paris: Ernest Leroux, 1914.
- BICKERMAN, Elias J. The Historical Foundation of Postbiblical Judaism. In: FINKELSTEIN, L. (Ed.). *The Jews. Their History*. New York: Schocken Books, 1972.
- CHOURAQUI, Andre. *A Bíblia. Palavras (Deuteronômio)*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- EBBAN, Abba. *A História do povo de Israel*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1971.
- ENCICLOPEDIA JUDAICA. Jerusalem: Keter Publishing House; New York: MacMillan Co., 1971.
- GOLDIN, Judah. The Period of the Talmud (135 BCE-1035 CE). In: FINKELSTEIN, L. (Ed.). *The Jew. Their History*. New York: Schocken Books, 1972.
- HALEVI, Y. *El Cuzari*. Buenos Aires: Federación Sionista Argentina, 1943.

- HESCHEL, Abraham J. *The Prophets*. New York: Harpers& Row, 1975.
- KAUFMANN, Y. *The Religion of Israel*. Chicago: University of Chicago Press, 1960.
- SCHOLEM, Gershon. *The Messianic Idea in Judaism*. New York: Schocken Books, 1995.
- SELTZER, Robert M. *Povo judeu, pensamento judaico: a experiência judaica na História*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1990.
- STEINSALTZ, Adin. *O Talmud Essencial*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.
- WEINFELD, Moshe. *Deuteronomy and the Deuteronomic School*. Oxford: The Clarendon Press, 1972.